

# Portugal in the mozambican novel

Vera Maquêa\*  
University of Mato Grosso  
University Paris III

## **Portugal no romance moçambicano**

A comunicação se propõe a mostrar representações de Portugal e de portugueses no romance moçambicano pós-independência através de personagens divididas entre a Europa e a África na busca de sua própria identidade. Ao mesmo tempo, a necessidade de compreensão de um mundo misturado pelos contatos culturais e políticos da história dos dois continentes expõe o modo como essas representações informam um mundo reorganizado em função de novos projetos humanistas na literatura de Moçambique.

**Palavras-chave:** Poética e Política, Pós-colonialismo, Literatura Moçambicana

## **Abstract**

This communication intends to show any representations of Portugal and the portuguese in the Mozambique's literature after independence through of the characters divided between Europe and Africa in search of their own identity. At the same time, the need for an understanding of the world mixed by the cultural contacts and political history of the two continents exposes how these representations inform a world reorganized in according to new humanistics projects in the Mozambican's literature.

**Keywords:** Poetics and Politics, Post-colonialism, Mozambican Literature

---

\* UNEMAT/CAPES. Pós-doutorado na Sorbonne Nouvelle Paris III (2010-2011) colaboração de Mme. Jacqueline PENJON (CREPAL).

## Portugal no romance moçambicano

Eu não sou eu nem o outro.  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte do tédio que vai de mim para o  
outro.  
Mário de Sá Carneiro

A literatura pós-colonial moçambicana tem apresentado uma pluralidade de formas e de temas que se distanciam dos modelos desenvolvidos em outras literaturas, onde a análise da guerra perdura como cenário principal da intriga. Se aqui a fabulação acompanha a desolação da guerra e de suas declinações posteriores, há a evidencia de um pensamento utópico responsável pelas muitas mudanças que já se conquistaram em África. Esse fato aponta para uma marca importante no desenvolvimento da literatura moçambicana, o que ocorre em vários países da África portuguesa, do qual deriva um elemento a nosso ver importante para a compreensão dessa nova matéria narrada que é o distanciamento crítico e a apreciação política de seus escritores. O afastamento no tempo e no espaço de um momento histórico coloca esses escritores e poetas numa posição de observação crítica, pois participaram, narraram, acompanharam e testemunharam, de dentro, muitos dos momentos da guerra em suas várias fases.

Mas esse elemento resulta de um movimento que não é assim tão simples e que deve considerar que essa distância não se dá simplesmente por temporalidades e territórios intervalares, sejam eles posteriores ou anteriores às lutas relacionadas ao fim da colonização, incluindo seus anseios de mudança, suas articulações utópicas - motor do gesto revolucionário - e seus desencantamentos que derivaram em seguida.

Tal distância tem a ver com utopias, distopias ou seus reversos, que apontam para um desejo, ainda que inominado, de significar efetivamente uma humanidade comum (AGIER: 2011, p.12)<sup>1</sup>, o que permite à literatura colocar em cena subjetividades de uma experiência que não pode mais se fixar no tempo histórico, nem no passado nem no presente.

Um breve olhar pelas narrativas, literárias e/ou históricas, nos permite identificar de imediato alguns textos que surgiram dessa distância, onde a memória e a imaginação trabalham para ordenar o caos desse mundo fragmentado e disperso no conflito. **Dez dias que marcaram o mundo**, de Jonh Reed, sobre a Revolução de outubro, **1968: o ano que não terminou**, de Zuenir Ventura, sobre o golpe militar no Brasil, **Por quem os sinos dobram**, de Ernest Hemingway, sobre a guerra civil espanhola. É nesse

---

<sup>1</sup> - « Toute réflexion sur La mondialisation humaine doit s'interroger sur ce qu'est et sera l'exil, aujourd'hui encore balbutiant, plein d'embûches, sur son apport incomparable à la formation d'une culture d'un monde commun et partagé, s'interroger surtout sur les multiples jeux de miroir et de transparence entre l'identité et l'altérité à travers la ou les figures nouvelles de l'étranger (p.12)».

espírito que acreditamos, aventuram-se os dois romances tema de nossas reflexões no âmbito deste artigo: **Vinte e zinco**, de Mia Couto e **A canção de Zefanias Sforza: Um olhar apaixonado sobre os 35 anos de independência de Moçambique**, de Luís Carlos Patraquim.

Muitas literaturas africanas pós-independência produziram uma extensa poética marcada pelos conflitos políticos ocorridos a partir do século XX, circunscrevendo acontecimentos que mudaram o mundo, que alteraram relações de poder entre estados-nação e ainda, entre estes e suas bases de dominação. As decorrências políticas de um mundo em transformação, que implicam uns povos mais que outros, fazem surgir uma discursividade fundada na experiência da guerra, da diáspora, do exílio, mas também vão formular espaços de novas identidades, contingenciais, em relação à origem. No caso das literaturas de língua portuguesa, esse espaço é revestido de várias camadas temporais que tangenciam tanto o mundo objetivo dos acontecimentos quanto as subjetividades contíguas que alteram e interrogam territórios, reais e/ou imaginários, de experiências comuns e coletivas. Tais decorrências são em geral observadas em torno do evento da descolonização que se intensificou a partir dos anos 60 em boa parte da África.

Alguns textos são conhecidos dos leitores de língua portuguesa, mais precisamente a reflexão de Mia Couto por ocasião dos 30 anos de independência de Moçambique, “No passado, o futuro era melhor? (2005: p.191-204)”. Se este texto não é literário, faz parte de uma linhagem que apresenta uma visão dura e impiedosa sobre os frutos colhidos no país livre, e denuncia uma espécie de traição de uma tão sonhada liberdade, que é tema percorrido pela maioria dos escritores da África, não apenas a de língua portuguesa.

Comemorar aniversários, sentar-se à beira do caminho para refletir sobre o que tem sido, fabular o futuro, interrogar a história e o que nela se narrou e fabulou, enfim, fazer um balanço, parece ser um compromisso dado a si mesmo por muitos escritores africanos pós-independência. Como um motivo impulsionador dessa literatura, esse *bilan* também vem traduzido por outro tipo de demanda, proposições externas, muito comuns na história da relação dos editores com seus escritores.

É assim que conhecemos **Vinte e Zinco**, um romance de Mia Couto escrito a pedido da Editorial Caminho para a Exposição Mundial Expo 98 Lisboa, em face da Comemoração dos 25 anos da Revolução dos Cravos. O livro veio a público em escala comercial em 1999. Tindó Secco (1999: p.111) lê o romance na chave da alegoria e afirma:

**Vinte e zinco** é uma escritura alegórica que, no sentido benjaminiano, dramatiza os fantasmas produzidos pelo colonialismo, colocando em cena medos, culpas, preconceitos, ódios, superstições, crenças e ressentimentos introjetados tanto no imaginário dos colonizados, como no dos colonizadores

Em 2010, também a pedido da Porto Editora, por ocasião dos 35 anos da independência de Moçambique, Luís Carlos Patraquim nos presenteia com **A canção de Zefanias**

**Sforza.** Em nota no site da Editora podemos ler: “A Porto Editora publica, a 25 de junho, o obra de estreia na prosa do poeta moçambicano Luís Carlos Patraquim”. O livro é festejado pela surpresa, é o primeiro romance de Patraquim que, como sabemos, até então dedicou-se à poesia e à dramaturgia. Continua a nota: (...) “é um retrato da realidade político-social da soberania de Moçambique e chega às livrarias precisamente trinta e cinco anos depois da proclamação da independência daquele país”(2011)

O interstício entre o aparecimento do romance de Mia Couto e o de Patraquim é de dez anos. O primeiro narra a história de um Pide, o funcionamento da máquina colonial e seus argumentos violentos de tortura, mas também o sonho da independência. O segundo narra a história de um possível ancestral do ducado de Milão, Zefanias Sforza, criouliizado em Moçambique, um personagem improvável, como sugere o narrador, que vive os tempos que se seguiram à independência e a re-significação do espaço nos nomes das ruas, da cidade e das personagens.

No romance de Mia Couto, Lourenço de Castro, filho do torturador Joaquim de Castro, o Pide (a sigla se transforma em substantivo, ganha corpo e voz) encarna o caricato torturador como a afirmação da insustentabilidade do salazarismo e também da permanência de Moçambique como colônia. Se o pano de fundo da trama é a Revolução dos Cravos em Portugal – a narrativa apresenta-se na forma de um diário que cobre o período de 19 a 30 de abril – é a silhueta do sonho de independência que se anuncia continuamente. As epígrafes contam uma história paralela, sem deixar de ser a história do Pide, pois como anuncia uma delas: “O torturador necessita da vítima para criar verdade nesse jogo a duas mãos que é a fabricação do medo”(COUTO, p.13). Segundo Arendt “o mandante totalitário, cujo maior instrumento de domínio é a tortura, precisa de uma base de poder – a polícia secreta e sua rede de informantes” (ARENDDT, p.128)

No romance de Patraquim, Zefanias Sforza, cuja descendência latina e a glória de poderosos do passado nada tem a ver com a personagem, pois esta perdeu tudo, mesmo os amigos se é que algum dia os teve. Nem ao menos tem a possibilidade histórica de Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque (avatar às avessas na decomposição aterradora de seu pai, o torturador Joaquim e seu filho Augusto) que capturou Ngungunhane; resume-se, pois, a simples personagem vivendo à revelia de seu narrador:

Devo confessar, amigo leitor, que a possibilidade de uma personagem como esta, um Zefanias Plubius Sforza, natural de Maputo, se descontarmos outras designações, este Zefanias que sofria de fortes afrontamentos de passados remotos, com um apelido deveras improvável, se afigura difícil para a escorregadia composição desta noveleta (PATRAQUIM: 2010, p.14).

O tom sério e o tom jocoso compõem a postura dos dois narradores, sem alterar a gravidade e a crueza com que às vezes narram certos acontecimentos. A alegoria privilegiada em Mia Couto não apaga a possibilidade de o jocoso conviver com o sério.

Já a derrisão que caracteriza o confuso Zefanias parece vir de sua flutuação, sua falta de caráter, no sentido de não ter uma identidade com mínima precisão. O titubear do narrador de Mia Couto entrega um Lourenço de Castro infantilizado, seguindo sua empreitada de inspetor colonial e vivendo com as duas mulheres de casa, sua mãe e tia Irene. A mãe contribui para que não saia desse estado de eterna infância e a tia, tomada pelos longos acessos de desrazão, se desgarrá da família, se mistura com os negros e identifica-se com a cultura de Moçambique. Benjamin Abdala Junior (2003: p.11-16), em seu inspirador ensaio *Doze dias de abril sob teto de zinco*, afirma que

Vinte e zinco abre esses espaços para a discussão da dinâmica histórica aberta pelos cravos do Abril português. É de observar que a antiga Metrópole e as ex-colônias se entremesclaram nas redes que vieram a dar forma a esse acontecimento histórico. Moçambique e a África colonizada não deixaram de estar em Portugal, constituindo combustível para o movimento dos capitães, como este país também não deixou de estar nas nações africanas. As ações dos movimentos libertários das colônias abriram espaço, repercutiram nas estruturas portuguesas, abrindo caminho para a desnaturalização das formas discursivas que procuravam dar sustentação ao salazarismo.

Em comum os dois textos guardam o acompanhamento da história da colônia/ex-colônia implicada na história da metrópole. O destino de um é o destino de outro com inúmeras outras interferências. A narrativa saúda uma realidade projetada para uma história que oprime a todos, desabrigando cada um de seu conforto humano. Mais que passear pela história do país, os narradores desses textos, no seu nomadismo e na sua errância, vasculhando gavetas e documentos que se confundem entre o sonho e o pesadelo, a vigília e a lucidez, nos apresenta todo o cenário de imprecisão e de fuga. Uma fuga que parece escapar as personagens que por vezes vivem alegremente a sua condenação, numa espécie de letargia, ausência de consciência, anestesia diante do horror.

E a linguagem, numa ciranda que escapa à racionalidade do mundo colonial, envolve a todos na mesma realidade. O que era para ser esquecido insiste em vir à superfície. O que era para ser escondido permanece na visão mesmo que os olhos já não possam mais ver. A loucura é ainda mais humana que a realidade da guerra, mais lúcida que o iluminismo da razão colonial, como demonstra a existência da personagem Irene em Mia Couto. É um sistema que se destrói a si mesmo, que não pode apaziguar suas contradições, como vemos na separação final dos dois amigos, Agostinho Demos e Zefanias Sforza.

Ambos os escritores nos apresentam um mundo estilhaçado, partilhado por portugueses e moçambicanos, personagens de si mesmas e de muitos outros, sem maniqueísmos simplificadores. Podemos notar que o alter-ego intrometido dos escritores insiste em interromper a verdade em vias de cristalizar-se, traduzindo assim o resultado de narradores flutuantes, que duvidam de si mesmos e que convidam outros a falar. Se a inserção da dúvida, da abertura crítica e da imaginação pode corrigir a verdade é como

estratégia primordial que é adotada. A narrativa partilhada por diversas vozes não basta, daí a necessidade de intimar outras formas como a poesia e a dramaturgia. A linguagem flutua também com esses narradores e assistimos a uma renovada cena onde ser português ou moçambicano já não tem mais sentido, e sim os modos como os governos, centrados no seu próprio poder, tendem a abandonar um pensamento que vá ao encontro das massas.

As duas narrativas batem-se contra a linearidade, o solipsismo e a anacronia, daí a poética do tempo ser dominante na construção do relato em todas as formas que ele assume no decorrer da narrativa, seja ele a carta, o depoimento, a reflexão anti-teórica sobre o romance e mesmo a vocação quase ingênua de algumas personagens quererem permanecer no seu tempo e no seu espaço.

Se os laços que uniram as partes do mundo foram, na maior parte das vezes, de submissão e de subalternidade (a metrópole e a colônia), Mia Couto e Patraquim vêm, através de suas incompetências para negar a poesia, afirmar a possibilidade de um outro mundo em que os laços sejam para construir uma imensa arena de tolerância à diferença onde o que se busca é a humanidade comum.

Qual é a canção de Zefanias Sforza? De modo mágico, alquímico, Sforza canta um hino de liberdade, ainda sem forma e todo afeito ao silêncio, para entoar os 35 anos de independência de Moçambique. Suas origens nobres, no poder temporal do ducado de Milão e ao mesmo tempo, suas palavras proféticas no seio de uma genealogia bíblica, são apagadas pelo resultado da nacionalização, tempos nos quais Zefanias perde mesmo a casa em que morava. Seu amigo(?), não por acaso, Agostinho Demos, é agora o novo habitante e Zefanias, que durante o romance sobe e desce a 24 de julho, acompanha esse caminho trágico de seu próprio destino. Só lhe resta esperar sua Eva, como Adão, num mundo original, sem pecado, mas prestes a perder a liberdade.

Qual é o pincel de Tchuisco? Andaré Tchuisco, “triste como água num poço”, tomado pela alquimia do sonho vai apagando os rastros da morte e da violência e deixando a página em branco, para que se possa aí construir nova e transformada realidade: “E sente que a prisão, a cada pincelada, se vai dissolvendo, a pontos de total inexistência. Como se o pincel que empunhasse fosse areia, na mão do vento, apagando pegadas no deserto” (COUTO, p. 101). Essa é uma marca coutiana que aparece como solução poética em muitos de seus livros: a dissolução do real, a apagamento da realidade, o transformação da realidade em outra substância, em outra matéria.

Assim ao acompanhar o percurso de uma intensificação colonial no século xx, que está naturalmente ligada de modo visceral aos desdobramentos das grandes guerras mundiais e da guerra fria em seguida, a tendência dos escritores é de mostrar a “desrazão” da guerra, onde todos são perdedores. Se as personagens são da metrópole ou da colônia/ex-colônia, estão condenadas à mesma miséria, mas muitas vezes a cumplicidade humana vence o horror e há a compreensão de um mundo comum e de todos. A operação mágica se dá pela escrita literária de eventos políticos em Moçambique e mostra que a poesia, a literatura é uma forma de pensamento que encontra na filosofia e na arte modos de construir esse mundo comum, restaurar a humanidade, tal como vemos no esforço pensante de Hannah Arendt (contra a perda de um mundo comum) e Édouard Glissant (um mundo de todos) , por exemplo. Nesse sentido, podemos dizer que há um projeto humanista nestes dois romances.

## Referências

ABDALA JR., Benjamin (2003). “Vinte e cinco de abril, sob teto de zinco”. In: Revista *Ecos*. Cáceres: UNEMAT Editora. n.03: p.11-16

AGIER, Michel (2011). *Le couloir des exilés : être étranger dans un monde commun*. Broissieux: Éditions du Croquant.

ARENDDT, Hannah (2004). *Crises da República*. Tradução de José Volkmann. São Paulo: Perspectiva.

\_\_\_\_\_ (1997[(1958)]. *Condition de l'homme moderne*. Traduction de Georges Fradier : Paris : Agora/Pocket

COUTO, Mia (2005): “30 Anos de Independência: no passado, o futuro era melhor?” In: Revista *Via Atlântica*. São Paulo: nº. 8: p.191-204

\_\_\_\_\_ (2004 [1999]) *Vinte e zinco*. Lisboa: Editorial Caminho.

GLISSANT, Édouard (1997). *Traité du Tout-Monde*. (Poétique IV). Paris : Gallimard.

PATRAQUIM, Luís Carlos (2010). *A canção de Zefanias Sforza: um olhar apaixonado sobre os 35 anos de independência de Moçambique*. Porto: Porto Editora.

Portal da Porto Editora (2010). In:

[http://www.portoeditora.pt/imprensa/index/detalhe/noticia/a\\_cancao\\_de\\_zefanias\\_sforza](http://www.portoeditora.pt/imprensa/index/detalhe/noticia/a_cancao_de_zefanias_sforza). Último acesso: 10/03/2011

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro (1999) “Alegorias em abril: Moçambique e o sonho de um outro vinte e cinco - uma leitura do romance *Vinte e Zinco*, do escritor Mia Couto”. In: Revista *Via Atlântica*. São Paulo: nº. 3: p.110-123